

O Escritório para Assuntos Interamericanos e a gerência das políticas culturais para a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial

Rodrigo Medina Zagni

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: rodrigo.medina.unifesp@gmail.com

“A idéia dos Estados Unidos como modelo era um dos pontos centrais da filosofia de Nelson e de seu pessoal. As transmissões de rádio, o cinema, os projetos de saneamento e saúde e os programas econômicos tinham um sentido paradigmático, isto é, os Estados Unidos possuíam o segredo do progresso e, o que era mais importante, estavam ‘dispostos’ a compartilhá-lo...”

Antônio Pedro Tota¹

Resumo: A partir de parte da documentação produzida pelo Escritório de Assuntos Interamericanos durante a Segunda Guerra Mundial e cuja finalidade se prestava à gerência das políticas culturais estadunidenses para a América Latina, bem como de um propedêutico exame de revisão bibliográfica, pretende-se identificar a natureza dessas políticas e, mais extensivamente, de aspectos fundamentais das relações entre EUA e América Latina neste período fulcral para as relações interamericanas.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Escritório de Assuntos Interamericanos; relações interamericanas; políticas culturais.

Não há como compreender os sentidos e significados das políticas culturais estadunidenses para a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial sem passar pelo estudo do papel desempenhado pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, o OCIAA; bem como não é possível o estudo da atuação gerenciadora dessas políticas sem tratar de aspectos biográficos de seu mais importante articulador, mentor de várias das estratégias culturais adotadas durante o período de guerra: o empresário Nelson Rockefeller.

Membro de uma tradicional família republicana, Rockefeller havia desenvolvido uma aguçada percepção sobre a América Latina que lhe permitiu pensar objetivamente

o uso da produção cultural, articulada a interesses econômicos e estratégias políticas, a fim de estreitar laços entre dois mundos gravemente distantes.

Graduado em estudos econômicos pela *Dartmouth College*, em 1930, acabou não demonstrando muita inclinação para os negócios, preferia as artes e a política, tornando-se um exímio articulador entre esses dois universos. Em termos culturais, tornou-se um profundo conhecedor da produção artística latino-americana durante o período em que fora presidente do Museu de Arte Moderna (MOMA) de Nova Iorque, bem como enquanto conselheiro do *Metropolitan Museum*, na mesma cidade. Referida produção permitiu-lhe contato com representações artísticas que, mais profundamente, revelavam aspectos cruciais sobre as identidades sociais partilhadas nessas complexas e, para ele, fascinantes sociedades. Por outro lado, seu envolvimento com os setores industriais e financeiros durante as décadas em que lidou ativamente com o setor empresarial, a frente dos negócios de sua família, permitiu-lhe tanto o estabelecimento de redes de contato com os mais importantes empresários dentro e fora dos EUA, como poder de articulação frente a classe política, sobre a qual exercia imensa influência.

O contato com sociedades latino-americanas a fim de estreitar relações com o governo dos EUA já era uma tradição de sua família, segundo nos esclarece Maria Gabriela Marinho, que estudou sua influência no estabelecimento de políticas de saúde pública no Brasil por meio da atuação da Fundação Rockefeller. A fundação foi criada em 1913 por John Davison Rockefeller Nixon, também fundador da *Standard Oil*, a primeira companhia petrolífera dos EUA e que em pouco tempo controlaria 90% de suas refinarias, tornando-se a maior empresa de petróleo do mundo, mantendo um monopólio sobre o setor pelo menos até 1911 quando por decisão da Suprema Corte foi desmembrada em outras 34 empresas que continuaram sob seu controle, como a *Amoco*, *Atlantic*, *Chevron*, *Exxon* e a *Mobil*, fazendo de John Rockefeller o homem mais rico do mundo, chegando a cifra até hoje insuperável de 318,3 bilhões de dólares.

Dedicando-se ativamente à filantropia, sua fundação estreitou laços com países periféricos, fundamentalmente com sociedades latino-americanas com o objetivo de fomentar a implementação do modelo sanitário estadunidense para a contenção internacional da febre amarela e da malária.²

Continuador portanto de uma já estabelecida tradição, como diretor do OCIAA as estratégias propostas por Nelson Rockefeller contariam com a articulação das dimensões entendidas por ele como fundamentais nas relações entre EUA e América Latina: o papel da cultura como elemento articulador entre interesses econômicos e

estratégias políticas, percebendo-a tanto na sua dimensão econômica, como bem de consumo de massa, quanto a partir de seu potencial de instrumentalização política.

Segundo Cary Reich, biógrafo de Rockefeller, também seu envolvimento com as atividades empresariais, no interesse dos negócios de sua família, bem como com a Fundação Rockefeller, permitiram-lhe conhecer de perto países latino-americanos como Brasil e Argentina³, centrais nas futuras estratégias elaboradas pelo OCIAA. Neste sentido, Marquilandes Borges de Souza esclarece que

*“Somente em meados da década de 1930, Nelson iniciou verdadeiramente seu envolvimento com as empresas da família e, como consequência, entrou em contato com seus investimentos nos países da América Latina. Suas primeiras viagens para o território latino-americano ocorreram como representante oficial dos Rockefeller.”*⁴

A própria percepção revelada nos expedientes do escritório, aqui analisados, de que políticas culturais estadunidenses deveriam focar primordialmente México, Brasil e Argentina, demonstram que critérios como o papel econômico desempenhado por esses países foi determinante, bem como a aliança entre estratégias governamentais e interesses de grupos empresariais nos EUA, e desses com empresários latino-americanos que conformariam o elo de conexão que, por sua vez, tornaria possível a fluência e influência dessas políticas.

Gerard Colby e Charlotte Dennett, também estudiosos da vida de Rockefeller, chamaram a atenção para o fato de suas atividades empresariais terem sido fundamentais para a elaboração de suas primeiras propostas sobre as relações entre EUA e América Latina, com vistas ao estabelecimento de uma nova postura de política externa a partir da constatação de que, frente à nova configuração que vinha ganhando o Velho Mundo com a expansão do nazismo e de sua presença já visível na América Latina, o estreitamento das relações hemisféricas seria vital para os interesses de segurança nacional⁵.

Não apenas isso, Nelson Rockefeller foi educado no seio de uma família profundamente evangelista; logo, manifestava uma cosmovisão para a qual o espectro político seria a via de realização do Destino Manifesto, da missão evangelizadora, messiânica e salvacionista iniciada pelos *founding fathers* que almejavam alcançar a terra prometida – a *city upon a hill* -, a partir de onde redimiriam os demais povos da

sua condição de atraso e incivilidade, apontando-lhes o caminho de onde adviria a salvação pela via do progresso. De acordo com Pedro Tota, a América Latina seria o “Destino Manifesto de Nelson Rockefeller”⁶.

Produto dessa percepção, bem como de sua influência sobre a classe política estadunidense, foi a formação de um grupo composto por prestigiados empresários, financistas, intelectuais e homens das artes, em 1938, que sob a liderança de Rockefeller passou a elaborar propostas para a adoção de novas políticas culturais, com vistas à aproximação entre as duas realidades, tendo a cultura como vetor dessas conexões.

De acordo com Pedro Tota

“Durante a campanha para as eleições de 1940, dois grupos haviam formulado propostas diferentes para uma política com a América Latina. O primeiro deles era liderado por Sumner Welles, subsecretário de Estado, auxiliado por Adolf Berle, assistente do secretário, e pelo líder da União Pan-Americana, Leo Rowe. O segundo (...) foi organizado por Nelson Rockefeller, e não era tão conhecido, nem oficial, mas começava a ser notado nos meios políticos. O grupo se autodenominava Junta, numa referência às ditaduras na América Latina. A personalidade de destaque na Junta era Beardesley Ruml – tesoureiro da Macy’s, conhecida loja de departamentos nova-iorquina -, que se converteu no elo entre Rockefeller e Washington. Harry Hopkins, secretário do Comércio e alter ego do presidente, apresentou Rockefeller a Roosevelt, que, de olho na reeleição, aceitou o convite do magnata para participar de um programa de rádio transmitido em ondas curtas para a América Latina, diretamente do MOMA. A partir daí, a projeção política de Nelson foi notável.”⁷

A historiadora Érica Gomes Daniel Monteiro, ao analisar as relações entre a propaganda comercial da revista “Seleções Reader’s Digest” e as estratégias do OCIAA, em sua dissertação de mestrado, nos informa que

“No grupo liderado por Nelson Rockefeller, encontravam-se homens como Beardesley Ruml, tesoureiro da R. H. Macy’s – grande loja de departamento de Nova York – Jay Crane, tesoureiro da Standart Oil de Nova Jersey, Wally Harrison, Hugh Robertson, gerente do Rockefeller

Center, Robert Hutchins, da Universidade de Chicago, o publicitário William Benton e Joseph Rovensky, do Chase Bank. ”⁸

O ano de 1940 foi determinante para que este grupo, liderado por Nelson Rockefeller, ascendesse às mais altas esferas de poder em Washington. Pleiteando sua terceira reeleição no pleito realizado neste mesmo ano, Roosevelt ganhou o apoio de certos grupos republicanos e de uma fatia expressiva do empresariado ao defender uma maior aproximação dos EUA com as principais repúblicas latino-americanas, em nome da defesa hemisférica frente ao perigo do nazismo que espreitava a América. Com este discurso, a candidatura Roosevelt – democrata - ganhou o apoio imediato de Rockefeller – republicano - que, pessoalmente, doou 25.000 dólares para a campanha do Partido Democrata.

Com sua reeleição, sagrada por 54% dos votos válidos, o apoio do grupo liderado por Rockefeller seria ainda mais importante.

No estudo que empreendeu sobre o uso do rádio para a difusão propagandística das políticas estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, Marquilandes Borges de Souza revelou que o grupo tinha como objetivo claro a elaboração de um plano de medidas que chegou às mãos do presidente Roosevelt por intermédio do Secretário de Comércio Harry Lloyd Hopkins, e que constituiu a base de um memorando entregue à Comissão de Assuntos Interamericanos do governo dos EUA.⁹

O plano – um conjunto de medidas políticas e econômicas para a América Latina - fora elaborado durante as reuniões que a Junta realizava no apartamento de Nelson Rockefeller, na Quinta Avenida. Diante da penetração do capital alemão nas economias e no comércio latino-americano, que abriam caminho para uma crescente influência do germanismo nessas sociedades, seria imperativa a readequação da política interamericana praticada pelos EUA às aspirações nacionalistas manifestas no continente, ao invés de seguir se opondo a elas. A proposta do grupo liderado por Rockefeller, conforme demonstra Pedro Tota, consistia em uma série de apontamentos sobre a necessidade de se promover o aumento do fluxo de investimentos do setor privado estadunidense em países latino-americanos, sendo necessária uma aliança entre governo e classes empresariais dentro dos EUA para o delineamento de estratégias não só para a penetração de mercados, mas para sua utilização como meio de difusão de valores de cooperação hemisférica, por meio de trocas culturais. O esforço demandaria o estabelecimento de uma nova política tributária para as exportações, uma presença

maior da diplomacia estadunidense junto aos governos latino-americanos e políticas culturais que integrassem todos esses interesses e difundissem-nos como valor, na forma de bens simbólicos. Também tratava de trocas científicas e do uso da educação como via também da aproximação que julgavam essencial, motivo pelo qual estava ainda em sua perspectiva aproximar universidades estadunidenses de instituições de ensino na América Latina, bem como difundir seu modelo de ensino para a elaboração de novas políticas educacionais nessas sociedades.¹⁰

O plano foi entregue por Nelson Rockefeller, a Harry Hopkins, no dia 14 de junho de 1940, mesmo dia em que as tropas da *Whermacht* tomavam Paris. Marquillandes informa que para que o relatório da Junta chegasse às mãos de Roosevelt, um longo percurso teve que ser percorrido.

“Eles [a Junta], há algum tempo, buscavam um canal para chegar ao presidente Franklin Roosevelt para apresentarem suas idéias sobre a América Latina. Próximo ao Natal de 1938, Ruml contactou Harry Hopkins, Secretário de Comércio, dizendo a ele para ouvir as opiniões de Nelson sobre o continente latino-americano, porém o encontro pretendido não ocorreu. Ao mesmo tempo, outro possível contato de Rockefeller com o presidente era Ana Rosemberg. Ela trabalhava neste momento com Nelson, mas havia sido uma assessora próxima de Roosevelt e, por isso, tinha as portas abertas da Casa Branca. Foi Rosemberg, em nome de Rockefeller, quem convidou o presidente, em março de 1938, para participar, de uma transmissão radiofônica, na inauguração do novo edifício do Museu de Arte Moderna. Apesar deste primeiro contato, Nelson não teve oportunidade de expor ao presidente suas opiniões acerca da América Latina.

Em 14 de julho de 1940, Hopkins, que havia pedido que as idéias do grupo fossem apresentadas em um relatório, finalmente se reuniu, na Casa Branca, com os membros da Junta. Neste encontro, foi lido o documento Hemisphere Economic Policy, produzido por Nelson, seu irmão Laurence Rockefeller, Joseph C. Rovensky e Beardsley Ruml.”¹¹

Ao tomar o plano em mãos, Hopkins indicou Rockefeller a entrega-lo, pessoalmente, ao próprio Roosevelt. No dia seguinte, uma versão mais sucinta do plano da Junta, o

memorando *Hemisphere Economic Policy*, era encaminhada por Roosevelt à Comissão de Assuntos Interamericanos, composta pelos secretários da Agricultura – Henry Wallace -, do Comércio – Hopkins -, de Estado – Cordell Hull -, e do Tesouro – Henry Morgenthau -, com uma indicação expressa de que seus pareceres deveriam ser elaborados até o dia 20.

O estudo de Donald W. Rowland esclarece que o documento se tornou a pedra fundacional da criação da agência, subordinada diretamente ao Conselho de Segurança Nacional, que teria como incumbência promover a colaboração hemisférica aproximando EUA e América Latina por meio de projetos focados em suas relações econômicas e culturais, que envolvessem ambas as realidades¹². A integração em questão tinha uma via notadamente assimétrica, na medida em que a aliança entre setores empresariais e governo nos EUA tinha o claro objetivo de ganhar o mercado latino-americano, perpetuando-se no mundo pós-guerra, bem como de frear o avanço nazista no hemisfério propondo uma via pacífica para o tratamento do fenômeno do antiamericanismo. O documento continha ainda um tom grave de crítica às políticas pan-americanas adotadas até ali pelos EUA, na defesa por medidas mais diretas que pudessem, sob o patrocínio financeiro e pela liderança moral dos EUA, tornar a América Latina mais competitiva pela via da penetração de investimentos norte-americanos, que por sua vez freariam a influência nazista no continente. Dentre essas medidas, concretamente o memorando defendia a redução das tarifas de importação de produtos fabricados em repúblicas latino-americanas, esforços para a implementação de redes de transporte que viabilizassem o fluxo de mercadorias e o escoamento da produção entre ambas as realidades, vultosos investimentos cuja finalidade seria a de assegurar a produção de matérias-primas essenciais à indústria dos EUA e a revisão dos cálculos da dívida externa não mais de acordo com os interesses puramente fiduciários do credor; mas das reais possibilidades de pagamento dos países devedores.¹³

Para que o programa fosse viável, um pacto de sangue deveria compor os esforços do governo federal e do empresariado nos EUA, a mais importante aliança estratégica do programa e, de acordo com o entendimento da Junta, a única capaz de fazer frente tanto à influência nazista quanto ao sentimento antiamericano nas “outras américas”.

Sobretudo, seria necessário aos homens do governo e de negócios, incumbidos da elaboração das linhas-mestras das relações entre EUA e América Latina, um

conhecimento profundo da constituição cultural dessas realidades, bem como de suas reais necessidades, algo que, segundo Rockefeller, até ali, nunca teria sido praticado.

Pedro Tota identificou duas notáveis vantagens da proposta apresentada pela Junta em relação ao grupo liderado por Sumner Welles: o aporte financeiro da maior fortuna do planeta (da família Rockefeller) e da relativa independência que o grupo gozava em relação à burocracia do Estado norte-americano.

“Rockefeller colocava em prática a experiência que tinha obtido em suas viagens pelos campos da Standard Oil, juntamente com Rovensky. Nessas viagens, ele percebera a necessidade urgente de reformular a relação da empresa com os habitantes dos países ‘hospedeiros’.”¹⁴

E foi o grupo de Rockefeller, não o de Sumner Welles, que venceu a contenda. Contudo, Marquilandês esclarece que de 15 de julho, quando Roosevelt enviou o relatório da Junta aos seus secretários, até 16 de agosto, quando oficializara a agência, houve intensa luta política para a definição de seu diretor, ocupando Rockefeller o terceiro lugar na lista encaminhada a Roosevelt¹⁵. O processo de formação da nova agência foi conduzido por James Forrestal, que indicara para o cargo de coordenador, em primeiro lugar, William Clayton, presidente da *Anderson-Clayton* e descartado por Roosevelt por ter sido opositor do *New Deal*; e em segundo lugar Ferdinand Eberstadt, banqueiro descartado por suas declarações comumente polêmicas. Apesar de novo e republicano, o jovem milionário tornava-se coordenador da nova agência criada pela administração Roosevelt.

Com apenas 32 anos, o jovem magnata iniciava sua primeira aventura política em lugar privilegiado da administração Roosevelt com a criação, aos 16 de agosto de 1940, do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, dirigido por Rockefeller e que, aos 30 de julho de 1941, por força de uma ordem executiva teria sua nomenclatura mudada para *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, o OCIAA. A Junta, com isso, mudava-se de Nova Iorque para Washington e se instalava no mesmo edifício do Departamento de Comércio, chefiado por Harry Hopkins. O americanismo seria, a partir deste momento, fabricado pelo OCIAA no intuito de promover os valores da tríade capitalismo-liberalismo-democracia para formações sociais entendidas como inconclusas ou por serem “civilizadas”; dentre as estratégias, ficava claro o objetivo de associar todo o tipo de antiamericanismo à

influência nazista na América Latina, construindo imagens ficcionais de cooperação e anulando um denso e complexo passado de políticas imperialistas.

Segundo Marquilandés

“Ela teria o importante papel de coordenar os projetos norte-americanos para a América Latina e, indiretamente, deveria, das mais diferentes maneiras, reafirmar o discurso da solidariedade hemisférica no continente.”¹⁶

De acordo com o *Summary of the activities of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, a ordem executiva que em julho de 1941 revogou a ordem que em agosto de 1940 criou a agência, estabelecia como objetivos formais do OCIAA:

- a. *“Serve as the center for the coordination of the cultural and commercial relations of the Nation affecting Hemisphere defense.*
- b. *Formulate and execute programs, in cooperation with the Department of State which, by effective use of governmental and private facilities in such fields as the arts and sciences, education and travel, the radio, the press, and the cinema, will further the national defense and strengthen the bonds between the nations of the Western Hemisphere.*
- c. *Formulate, recommend, and execute programs in the commercial and economic fields which, by the effective use of governmental and private facilities, will further the commercial well-being of the Western Hemisphere.*
- d. *Assist in the coordination and carrying out of the purposes of Public Resolution No. 83 approved June 15, 1941, entitled “To authorize the Secretaries of War and of the Navy to assist the governments of American republics to increase their military and naval establishments, and for other purposes.”*
- e. *Review existing laws and recommend such new legislation as may be deemed essential to the effective realization of the basic cultural and commercial objectives of the Government’s program of Hemisphere solidarity.”¹⁷*

Em termos primários, o trabalho do OCIAA seria o de coordenar o trabalho de outras agências, tanto públicas quanto privadas, interessadas nas relações interamericanas desde que essas, por sua vez, possibilitassem a articulação entre os valores da solidariedade hemisférica e os interesses de segurança nacional. Não havendo agências incumbidas dos projetos elaborados e de interesse do escritório, este seria incumbido de todas as etapas necessárias a sua consecução.

“The work of the Office is primarily that of coordinating the activities of public and private agencies interested in inter-American affairs, in conformity with the general policy of strengthening hemisphere solidarity in the interest of national defense. The Office of the Coordinator in all cases seeks to use existing machinery and personnel, both public and private, in carrying out the projects designed to implement the good neighbor policy. The Office of the Coordinator itself administers projects in cases where there is no organization or agency to carry out the proposed work.”¹⁸

Rockefeller aplicou, na nova empreitada política, o mesmo *modus operandi* que utilizava em seus negócios, ou seja, de forma excessivamente centralizadora, dispensou tratamento implacável a todos aqueles que se opuseram de alguma forma aos seus desígnios.

“A organização semimilitar da Fundação Rockefeller modelou o funcionamento da agência capitaneada por Nelson. Ele era o centro, e não permitia que ninguém ofuscasse sua liderança. Quando isso acontecia, o jovem Rockefeller, cioso de seu poder, alicerçado em uma das maiores fortunas do planeta, movia todas as forças para destruir seu possível oponente. Sob a aparência democrática das reuniões do Office escondia-se o autoritarismo de seu líder.”¹⁹

A extensão de poder alcançado por Rockefeller acabou por colocar-lhe em rota de colisão com o subsecretário Sumner Welles e os interesses do Departamento de Estado, que já levava a cabo um conjunto de políticas culturais para a América Latina. Desta forma, resultaram inevitáveis os atritos entre o escritório (já desde sua criação) e, mais especificamente seu diretor, com o Departamento de Estado. No entanto, segundo

entendimento manifesto pelo grupo de Rockefeller, tais políticas não seriam adequadas à nova realidade, sobretudo após a invasão nazista da França e o bloqueio inglês levantado em torno do continente europeu, isso porque os mercados latino-americanos seriam brutalmente afetados e os EUA não dariam conta de absorver (sozinhos) as exportações de países como o Brasil. O colapso eminente resultaria em oportunidades ainda mais concretas de o nazismo se expandir por sobre o hemisfério ocidental, com o argumento de que seria a via necessária para a superação do decadente capitalismo liberal que teria levado, caso este quadro se confirmasse, a América Latina à ruína econômico-social.

O tratamento proposto pelo grupo de Rockefeller prometia livrar a América Latina do espectro tanto do nazismo quanto do comunismo:

“A América Latina se incorporaria ao mercado norte-americano oferecendo o imenso potencial de seus recursos naturais, contribuindo na construção da poderosa máquina de guerra que fazia parte dos planos, ainda não muito explícitos, do governo rooseveltiano. O desemprego desapareceria dos países latino-americanos e, com ele, o campo para que nazistas e socialistas disseminariam suas idéias.”²⁰

Outro tipo de mal estar foi criado em razão da necessidade de os projetos do escritório serem submetidos à aprovação do Departamento de Estado, chefiado pelo secretário Cordell Hull, o que na prática pouco ocorria dado o grau de autonomia com que operava o escritório na pessoa de seu coordenador. Isso porque quase nunca Nelson Rockefeller consultava Cordell Hull, cujas áreas de atuação eram constantemente “invadidas” pelo escritório, desprestigiando gravemente o secretário frente à Franklin Delano Roosevelt.

À frente do “Birô Interamericano” - como ficou conhecido o escritório no Brasil -, Nelson Rockefeller compôs uma equipe cujos membros faziam parte também de significativos grupos econômicos nos EUA, com conexões importantes na América Latina, entre empresariado e esferas governamentais.

As atividades do OCIAA cobriram uma gama imensa de realidades. Segundo o historiador Gerson Moura, atuou direta ou indiretamente em cerca de 20 países, mobilizando, em 6 anos de atividades, cerca de 140 milhões de dólares.²¹

A estrutura organizacional do escritório, ainda na forma inicial do *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, composto por três divisões (Divisão Comercial e Financeira, Divisão de Comunicações e Divisão de Relações Culturais), revela as frentes a partir das quais, dali por diante, seriam prioritárias para o grupo encarregado de fomentar a *hemisphere economic policy*, a integração pela via do comércio e das finanças entre EUA e América Latina, bem como de elaborar e difundir pela via da cultura identidades sociais que possibilitassem esse estreitamento, consumado na forma político-ideológica. Uma divisão de comércio e finanças tratava das seções de exportações e transportes; a divisão de comunicações, cuja importância era notável frente às ações culturais que deveria promover, gerenciava seções de cinema, esportes, imprensa, rádio e viagens; a divisão de relações culturais mantinha seções de arte, educação, literatura, música etc.

Criada posteriormente, a divisão de saúde, na esteira dos projetos de aproximação já elaborados pela Fundação Rockefeller, foi uma espécie de continuadora de sua experiência por meio da implementação de diversos programas sanitários.

Em 1941, quando o *Office of the Coordinator of Commercial and Cultural Relations Between the American Republics* deu lugar ao OCIAA, suas operações eram divididas em quatro categorias, segundo a classificação elaborada e aplicada por Rockefeller: desenvolvimento financeiro e comercial, intercâmbio cultural, comunicações, bem-estar civil e social; que, por sua vez, deram lugar às divisões que desenharam as primeiras ramificações do OCIAA. A partir das divisões, deu-se uma subdivisão de esforços em seções; contudo, invariavelmente as seções passavam a ser designadas como divisões, o que não alteraria a hierarquia que as submetia às divisões originárias, como é o caso das sessões de imprensa, rádio, cinema etc., que passaram a ser referidas como divisões. Quanto aos projetos que administrou, dos quais se incumbiram agências governamentais, privadas ou o próprio escritório diretamente, trabalhou-se com três modalidades: projetos que careceriam de resultados emergenciais, projetos que demandariam resultados em longo prazo e projetos que contassem, concomitantemente, com etapas emergenciais e de longo prazo.²²

O OCIAA estava representado nos países centrais da América Latina por meio de agências e subcomitês de apoio nas principais cidades do continente, com suporte direto das embaixadas estadunidenses bem como do empresariado que nessas sociedades representavam o capital privado norte-americano. É o que nos esclarece, no caso do Brasil, Érica Monteiro, revelando que

“No Brasil, o Office tinha como representante Berent Friele, que contava com a colaboração da embaixada norte-americana e tinha o apoio de um comitê de coordenação formado por executivos representantes de empresas, tais como General Eletrics, Standard Oil, Metro Goldwin Mayer, Light and Power, The National City Bank of New York. Sediado no Rio de Janeiro, tinha uma agência em São Paulo e subcomitês de apoio em Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.”²³

Os esforços do OCIAA, dados em diferentes frentes, prescindiram do uso de instrumentos que fossem capazes de revelar as preferências do público latino-americano. Para isso, o escritório contratou a equipe de George Gallup, pesquisador da opinião pública e cuja tarefa passou a ser o levantamento, em toda a América Latina, de uma série de predileções; sobretudo qual seria o veículo de comunicação mais eficiente segundo as estratégias do OCIAA - rádio, televisão, cinema ou mídia impressa. Também os EUA foram campo de atuação dos pesquisadores, desejosos por saber da opinião dos americanos (em especial dos empresários) em relação à América Latina. É preciso dizer que a operação contou com a oposição, de forma veemente, de Sumner Welles e do Departamento de Estado, por conta de seu caráter excessivamente comercial.

Considerações finais

A história, de um passado longínquo ao imediato tempo presente, sob os auspícios do OCIAA seria objeto de remodelações, cortes e seleções a fim de compor dimensões profundamente antagônicas: o princípio de solidariedade hemisférica e os imperativos de defesa dos EUA, estes que segundo as teses do intervencionismo prescindiam do estabelecimento de linhas de defesa extraterritoriais em posições latino-americanas.

Por meio da ficção, a realidade social é construída e reconstruída, perpetuando-se pelas mesmas estratégias seus argumentos centrais ao longo do tempo.

O exame do papel desempenhado pelo OCIAA, de sua criação ao ano de 1944, no qual as mudanças no cenário da guerra levaram à indicação de Nelson Rockefeller ao

cargo de assistente do Secretário de Estado e a redesignação do birô apenas como *Office of Inter-American Affairs* (omitindo-se a figura de seu coordenador e com isso esvaziando-o de poder político), revela que de fato havia um mundo em guerra para o qual sua ação, de acordo com os interesses inscritos na política externa dos EUA, era necessária; mas ela não se ateve exclusivamente ao perigo nazista: abraçou a missão de solidificar as bases da exploração econômica que se daria com o mundo já pacificado, desvelando que sua missão colocava o birô como instrumento de consolidação da hegemonia estadunidense no sistema internacional nos moldes propostos por Antonio Gramsci, ou seja, não apenas como dominação pura e simples; mas tendo o domínio seu poder ampliado pela liderança intelectual e moral, ficção construída pelos aparelhos midiáticos que constituíram as novas armas do império.

¹ TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000, p. 180.

² MARINHO, Maria Gabriela. *Norte-americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)*. São Paulo: Autores Associados; Universidade São Francisco, 2001.

³ REICH, Cary. *The life of Nelson A. Rockefeller: worlds to conquer (1908-1958)*. New York: Doubleday, 1996.

⁴ SOUZA, Marquilandes Borges de. *Rádio e propaganda política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2004, p. 36.

⁵ COLBY, Gerard; DENNET, Charelotte. *Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia – Nelson Rockefeller e o evangelismo na Idade do Petróleo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1998.

⁶ TOTA, Pedro. *Op. Cit.* p. 41.

⁷ *Ibid.*, p. 47.

⁸ MONTEIRO, Érica Daniel. *A guerra como slogan: Visualizando o Adversiting Project na propaganda comercial da revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, mar. 2006, p. 45.

⁹ SOUSA, Marquilandes Borges de. *Semear aos quatro ventos: O uso do rádio pela propaganda política dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra: os casos do Brasil e do México*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002, dissertação de Mestrado.

¹⁰ TOTA, Pedro. *Op. cit.*

¹¹ SOUZA, Marquilandes Borges de. *Rádio e propaganda política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra*. *Op. Cit.* pp. 38 e 39.

¹² ROWLAND, Donald W. (dir.). *History of the Coordinator of Inter-American Affairs: historical report on war administration*. Washington: Government Printing Office, 1947.

¹³ TOTA, Pedro. *Op. Cit.* p. 49.

¹⁴ *Ibid.* pp. 48 e 49.

¹⁵ SOUZA, Marquilandes Borges de. *Op. Cit.* p. 40.

¹⁶ *Ibid.* p. 35.

¹⁷ Documento 1920-A; *Summary of the activities of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, pp. 1 e 2. Anexos.

¹⁸ Documento 1920-A; *Summary of the activities of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, p. 2. Anexos.

¹⁹ TOTA, Pedro. *Op. Cit.* p. 51.

²⁰ *Ibid.* pp. 52 e 53.

²¹ MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988, *passim*.

²² Documento 1920-A; *Summary of the activities of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, p. 2. Anexos.

²³ MONTEIRO, Érica Daniel. *Op. cit.* pp. 47 e 48.